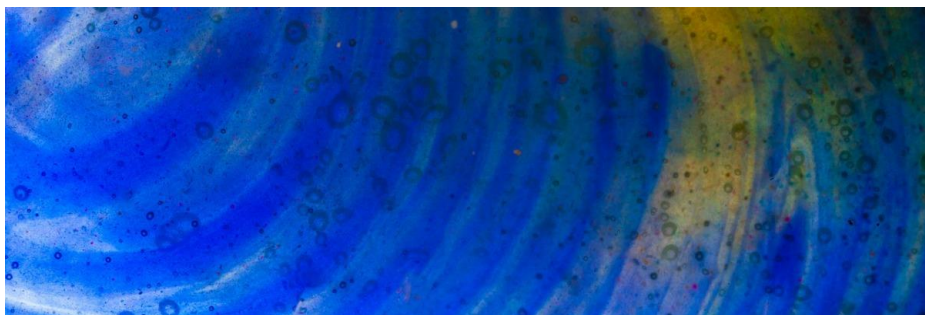


Um dos maiores desafios litúrgicos da Igreja, no século XXI, é descobrir como apresentar uma liturgia que tenha algum significado para as pessoas deste nosso mundo pós-Darwin, pós-Einstein e pós-Hubble.



Oração eucarística do século XXI

A oração litúrgica tradicional, baseada no imaginário bíblico, pressupõe uma cosmovisão pré-científica, onde a Terra é o centro do universo, e onde o mundo foi criado rapidamente e dum modo perfeito. Tudo era maravilhoso até que Adão pecou.

Na realidade, o universo tem cerca de 13.8 mil milhões de anos, com a vida orgânica a aparecer há, aproximadamente, três mil milhões de anos atrás, e os seres humanos a evoluir, mais recentemente, em termos relativos. Em vez de nos surgirem num paraíso idílico, os humanos lutaram rastejaram lutando na lama, esgaratando uma existência, num ambiente brutal e altamente competitivo.

O atual culto litúrgico exige que, quando rezamos, deixemos as nossas mentes científicas à porta da igreja, e penetremos no mundo pré-científico dos nossos ancestrais. Esta existência esquizofrénica não é viável a longo prazo. Como apresentar às pessoas uma liturgia que cultive uma “cosmovisão quantum-cosmológica, desenvolvimental-evolucionista”, questiona-se o padre jesuíta Robert Daly, que tem vindo a estudar esta questão há vários anos.

Não é uma tarefa fácil. Na verdade, ela faz parte de uma tarefa mais ampla: a tentativa de os teólogos descobrirem como tornar inteligível o cristianismo às pessoas do século XXI.

Para a sua obra, Daly inspira-se em teólogos como Elizabeth Johnson (*Ask the Beasts: Darwin and the God of Love*), Dawn Nothwehr (*Ecological Footprints: An Essential Franciscan Guide for Faith and Sustainable Living*) e Dennis Edwards (*Partaking of God: Trinity, Evolution, and Ecology*).

Estamos perante teólogos que abordam questões antigas de cristologia, eclesiologia e soteriologia, no contexto da ciência contemporânea.

Estes teólogos e teólogas imitam os grandes teólogos do passado – Agostinho e Tomás de Aquino – que recorreram ao pensamento intelectual das suas épocas, para explicar o cristianismo aos seus contemporâneos. Agostinho serviu-se do neoplatonismo, e Aquino recorreu ao aristotelismo, por qualquer destas correntes representar a cosmovisão intelectual da sua respetiva época. Os teólogos de hoje, ao usar a ciência e o pensamento contemporâneo, revelam-se bem tradicionais; estão, simplesmente, a seguir as pegadas de Agostinho e Aquino.

Mas, de certo modo, o desafio de Daly é mais do que isto, pois o que ele pretende vai ter impacto não só no pensamento do curioso intelectual,

como também na experiência de culto vivida por milhões de cristãos. Se alguém pensa que as guerras de tradução foram difíceis, então é porque ainda não viu nada.

Daly reconhece este desafio, e diz que o seu “objetivo tem sido criar uma fórmula de oração que dê, tanto às pessoas que se sentem confortáveis partilhando uma cosmovisão pré-moderna, pré-crítica e pré-científica, como às pessoas que partilham uma cosmovisão quantum-cosmológica, desenvolvimental e evolucionista, a possibilidade de alegremente rezarem juntas”.

Começou por apresentar o seu pensamento num artigo intitulado “*Ecological Euchology*” de março de 2015, publicado na revista *Worship*. “*Euchology*”, ou Eucologia, é um livro da Igreja Ortodoxa que contém os ritos eucarísticos e outros materiais litúrgicos.

Incluído neste artigo, consta um esboço de uma oração eucarística pensada para o culto contemporâneo. Esse esboço não incluía nenhum “prefácio”.

Na semana passada, o Pe. Daly apresentou uma versão revista com prefácio, no Seminário sobre Oração Eucarística e Teologia, da Academia de Liturgia Norte-Americana – NAAL (na sigla em inglês), que decorria em Washington, DC. Embora a oração tivesse sido discutida no seminário, nos últimos três anos, ele reconhece que estamos ainda perante um esboço.

“A sua linguagem, o seu imaginário e o seu ritmo precisam de ser aperfeiçoados pela experiência orante, e de ser proclamada por muitas bocas e comunidades”, escreve o padre Daly. “Ela deixa transparecer a estranheza de uma primeira tentativa de rezar numa linguagem, que não só é tradicionalmente bíblica nas suas alusões, como também pretende ser sensível ecologicamente”.

Ela é “no mínimo referencialmente expressiva dos pensamentos e sentimentos de um cientista moderno”, mas, ao mesmo tempo, não chega a ser tão importuna “a ponto de afastar quem não se sinta plenamente à vontade, neste mundo de pensamento”.

Em resumo, Daly tentou escrever uma “música poética, trinitária, de louvor e ação de graças, expressando os sentimentos e as aspirações de uma fé judaico-cristã, que se sinta bem confortável com uma cosmovisão quantum-cosmológica, desenvolvimental-evolucionista”.

A oração eucarística de Daly inclui todos os elementos clássicos tradicionais de uma oração eucarística modelo, na tradição Basílio/Crisóstomo: Diálogo introdutório, prefácio, Sanctus, anamnese, narrativa institucional, aclamação, epiclese, preces solenes e doxologia.

Após o diálogo introdutório (“O Senhor esteja convosco...”), começa com as palavras de louvor no prefácio:

**Pai, nós te louvamos, com todas as tuas criaturas
grandes e pequenas,
desde as galáxias incomensuráveis,
até à menor partícula.
Todas elas derivam da tua mão.
Repletas da tua presença,
são sinais do teu amor eterno:
Louvado seja o Senhor!**

T. Louvado seja!

Desde a primeira frase, a oração eucarística vai para além de um mundo centrado na Terra e visível, para incluir tanto as “galáxias incomensuráveis”, como as “menores partículas”. Ambas são vistas como “sinais do seu amor eterno”, e a comunidade responde com “Louvado seja o Senhor!”. A comunidade louva, não por si mesma, mas “com todas as vossas criaturas”.

Numa perspetiva trinitária, a oração passa a focar Jesus e o Espírito:

**Palavra de Deus, Jesus, nós te louvamos.
Através de ti, todas estas coisas foram feitas
e têm o seu ser.
E quando assumiste forma corporal
no ventre de Maria nossa mãe,
assumiste o caos das nossas vidas,
para nos trazer a beleza do teu amor:
Louvado seja o Senhor!**

T. Louvado seja!

**Espírito Santo, nós te louvamos,
tu que sopraste sobre o caos primordial,
que nos falaste pela voz dos profetas,
que pairaste sobre o ventre de Maria
e nos fizeste templos do teu amor:
Louvado seja o Senhor!**

T. Louvado seja!

O indivíduo cientificamente letrado apercebe-se das referências à “teoria do caos” nesta secção da oração eucarística, mas não de forma a marginalizar o não letrado cientificamente.

Após o *Sanctus*, a oração prossegue com mais imagens do entendimento contemporâneo da Criação:

**Onde antes nada era, o teu amor
trouxe matéria e movimento para dentro do ser,
deste modo criando o próprio tempo,
e inumeráveis galáxias,
cada qual com suas inumeráveis estrelas;
e, para preparar uma casa para nós,
delicadamente circulando
em torno de uma estrela singular,
este pequeno globo, a nossa mãe Terra.
E sobre este globo, éones mais tarde,
geraste, infinitamente pequenos,
mas inexoravelmente crescentes,
os começos da vida
que compartilhamos com tudo o que vive.
E então, passados milhares de milhões de anos,
passados éones de desenvolvimentos
aparentemente aleatórios,
passado o aparente caos de incontáveis extinções
– mas surgindo destas mortes, sempre,
novas formas de vida –
Tua Palavra soprou não só vida, mas Espírito, também,
para dentro do homem e da mulher,**

tua imagem e semelhança.

Portanto, a criação do homem é posta no contexto da Criação, não somente das galáxias e estrelas, mas da matéria e do próprio tempo, também. E de modo nenhum ele nos surge num qualquer Éden idílico.

**Passadas incontáveis gerações,
com amor nos viste crescer,
tornando-te parte da vida-morte-vida
de tudo o que vive e cresce na terra,
até, finalmente, fazeres uma aliança arco-íris connosco,
levando-nos a conhecer-te mais claramente
como o nosso Criador,
e nós mesmos como o teu povo.**

Somente, então, a oração eucarística estabelece ligação com Abraão, os profetas e, por fim, com Jesus, **“nascido do Espírito e do SIM de Maria, para entrar no caos das nossas vidas terrenas...”**.

Após a narrativa institucional, é endereçada uma aclamação ao Pai, e não a Jesus, o que permite que a comunidade não, apenas, recorde a morte e ressurreição de Jesus, como também ofereça ao Pai o sacrifício desta Eucaristia:

**Lembrando a tua cruz e morte,
e cientes das tuas palavras de amor,
nós te louvamos e agradecemos, Senhor,
e te ofertamos este pão e este vinho,
enquanto nos ofertamos também,
até ele voltar novamente.**

A oração continua com um apelo ao Espírito, na epiclesse:

**Cientes, então, do teu dom amoroso,
e em impressionante louvor do caos-beleza,
da constante morte para a vida
deste teu globo jardim,
e cientes, também, da forma como o abençoa e guardas,
com o mesmo cuidado amoroso**

**com que nos abençoa e guardas, oramos:
envia sobre nós e sobre estes dons
dádivas plenas do teu Espírito Santo,
com o qual, tua Palavra, e antes de todos os tempos,
criaste as galáxias,
sopraste sobre as águas primordiais,
vieste ao encontro dos profetas,
e pairaste sobre o ventre de Maria.**

Nesta epiclese, o Espírito é o mesmo Espírito que esteve presente na Criação, e que sempre tem estado ativo através dos tempos. Na oração, a comunidade pede que este mesmo Espírito nos possa ajudar a “conhecer o nosso lugar neste teu universo, sobre esta tua terra, e nesta tua Igreja”. Isso tudo “para que no, e através do nosso viver, morrer e ressurgir com o teu Filho, possamos aprender a cultivar e guardar esta terra, com o mesmo amor com que nos cultivaste e guardaste”.

Esta oração eucarística é uma primeira tentativa de imitar os primeiros padres da Igreja que escreveram orações semelhantes, para se enquadrarem nos seus contextos históricos e culturais. Daly entende que o papel dos peritos em liturgia não é, apenas, aprender com o passado, mas também falar ao presente com orações e com música que constitua uma resposta à nossa evoluída cosmovisão.

Esta oração, como Daly reconhece, não é perfeita. Por exemplo, considero de difícil aceitação a frase que começa “Onde antes nada era...”. Um dos participantes do seminário sugeriu que ela fosse subdividida em frases menores.

Outro dos presentes questionou a orientação da oração, no prefácio e na doxologia, para a Trindade, em vez de se dirigir apenas ao Pai, como é tradicional nas orações eucarísticas, do século V em diante. A maior parte das orações eucarísticas são dirigidas ao Pai, através do Filho, no Espírito. Alguns acharam desconcertante romper com esta tradição.

Os comentários mais interessantes vieram dos membros do seminário da NAAL sobre liturgia e meio ambiente, que se juntaram ao debate.

Um deles sugeriu que a oração refletisse a ideia de que a encarnação começou com o Big Bang, e que, ao falar do Espírito, empregasse a linguagem da energia.

Um outro sugeriu que ao empregar o pronome “nós”, a oração incluísse não só os humanos, mas toda a Criação. Da mesma forma, o Espírito seria descrito como habitando em toda a natureza, e não somente nos humanos. Houve, ainda, quem sugerisse que, ao falar do Pai que envia os patriarcas e profetas para nos ensinar, a oração recordasse, também, o envio de gafanhotos, inundações e outros fenômenos naturais.

Um outro participante sugeriu que a oração fosse mais explicitamente ambiental do que basicamente científica. Por outras palavras, que ela refletisse o pensamento de ambientalistas como John Muir, e não só de cientistas como Darwin.

Apesar destas sugestões, todos os participantes concordaram que esta era uma tentativa admirável para se criar uma oração eucarística para o século XXI, uma oração que possa ecoar entre os letrados cientificamente e os ambientalmente sensíveis.

Houve também membros do seminário que reconheceram que não há nenhuma oração que possa incluir tudo, sem se tornar demasiado longa e demasiado complicada. Em vez de tentar colocar tudo dentro de uma oração, melhor seria dispor de uma série de orações.

Imediatamente após o Vaticano II, muitos celebrantes se puseram a escrever as suas próprias orações eucarísticas, com pouco conhecimento do que estavam a fazer. Ao acabar com estes excessos, o Vaticano acabou, também, com experiências bem mais inteligentes. Os peritos em liturgia concluíram que era perda de tempo trabalhar em novas orações eucarísticas, que jamais seriam aprovadas. A criatividade prosseguiu nas igrejas protestantes, mas não no mundo católico.

Agora, com o papado de Francisco, talvez a Igreja esteja preparada para um período de experimentação, orientada por profissionais da área da liturgia, a trabalhar com comunidades dispostas a servir de programas/aplicativos “beta” para as novas práticas litúrgicas.

Isto permitiria a criatividade, a testagem e os necessários ajustes, antes de uma prática renovada poder estar ao dispor de toda a Igreja.

Entretanto, os profissionais da área da liturgia vão-se dedicando ao trabalho moroso de pensar sobre o tema, e de discutir a forma como fazer liturgia no século XXI.

O artigo é de **THOMAS REESE**, e é publicado por *National Catholic Reporter*, 12-01-20-17.